

A Influência da Internet para a Automedicação no Tratamento do Transtorno de Ansiedade

BEATRIZ OLIVEIRA LOPES DA ROCHA
LEANDRO HENRIQUE NOGUEIRA ALVES
MACLYNE STEFFANY MENDONÇA ARAÚJO
NATALIA DE LEMOS LUCENA

Bacharelados em Farmácia | Faculdade Estácio do Amazonas
Manaus, Estado do Amazonas. Brasil

RHERYSONN PANTOJA DE JESUS

Docente do Bacharelado em Farmácia | Faculdade Estácio do Amazonas
Manaus, Estado do Amazonas. Brasil

Abstract:

Self-medication is the term used to characterize the act of the individuals who ingests medication on their own. In Brazil, the behavior of self-medicating has become common, representing a public health problem, both because of its high incidence and because of the risks it poses to the health of individuals who take medication without a medical prescription. Furthermore, with the popularization of the internet, information related to health and available drugs contribute to the irresponsible use of these substances. Therefore, this research aims to analyze the influence of the internet for self-medication in the treatment of anxiety disorder. For that, a bibliographical review was carried out, through searches in the Virtual Health Library and Academic Google, as well as in books that address the theme. In view of the analysis of the researched data, it was found that with the popularization of the internet, information related to health and available drugs contribute to the irresponsible use of medicines, which is why it is up to Organs national pharmacovigilance bodies to monitor consumption and promote the use rationale of medications, through educational campaigns, in various media outlets, emphasizing the risks, side effects and drug interactions of self-medication. As a limitation of the study, the absence of references that deal exactly with the research topic stands out, which makes it impossible to generalize the results obtained. Thus, given the scope and importance of the topic, further studies are suggested to further deepen the subject.

Keywords: Internet; self-medication; anxiety disorder; treatment.

Resumo

A automedicação é o termo usado para caracterizar o ato do indivíduo que ingere medicamento por conta própria. No Brasil, a conduta de se automedicar se tornou comum, representando um problema de saúde pública, tanto em razão da sua alta incidência como pelos riscos que causa à saúde dos indivíduos que se medicam sem prescrição médica. Ademais, com a popularização da internet, as informações relativas à saúde e aos fármacos disponíveis contribuem para o uso irresponsável dessas substâncias. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a influência da internet para a automedicação no tratamento do transtorno de ansiedade. Para tanto, realizou-se uma revisão bibliográfica, através de buscas na Biblioteca Virtual de Saúde e Google Acadêmico, bem como em livros que abordam a temática. Diante da análise dos dados pesquisados, verificou-se que com a popularização da internet, as informações relativas à saúde e aos fármacos disponíveis contribuem para o uso irresponsável de medicamentos, motivo pelo qual cabe aos órgãos nacionais de farmacovigilância fiscalizar o consumo e promover o uso racional de medicamentos, através de campanhas educativas, em diversos veículos de comunicação, enfatizando os riscos, os efeitos colaterais e as interações medicamentosas da automedicação. Como limitação do estudo, destaca-se a ausência de referências que tratem exatamente sobre a temática da pesquisa, o que inviabiliza a generalização dos resultados obtidos. Assim, frente a abrangência e importância do tema, sugere-se novos estudos para maior aprofundamento sobre o assunto.

Palavras-chaves: Internet; automedicação; transtorno de ansiedade; tratamento.

1. INTRODUÇÃO

Com o avanço da tecnologia e a expansão do fenômeno da informatização, nota-se que o acesso à internet cresce a cada dia, gerando inúmeras modificações no cotidiano das pessoas, facilitando o dia a dia e a interação social. Entretanto, o livre acesso à rede mundial de computadores e a inexistência de limites geográficos reais trouxe novos problemas relacionados ao uso de medicamentos (MORETTI; AZEVEDO; OLIVEIRA, 2012).

Propagandas ou relatos sobre medicamentos são frequentes na internet, o que, de acordo com Araújo et al. (2014), podem influenciar a população quanto a sua utilização, uma vez que, apenas os benefícios são ressaltados, enquanto pouco se fala sobre reações adversas e outras complicações que o indivíduo pode apresentar com a automedicação de forma inadequada e indiscriminada.

Segundo Macedo et al. (2016), a automedicação configura-se como um meio empregado de autocuidado destinado à saúde, sendo definida como o ato da pessoa obter ou consumir medicamentos, inexistindo uma indicação médica ou farmacêutica, segundo motivações e incentivos diversos.

Comumente, os medicamentos são oriundos de fornecimento de familiares ou amigos, que possuem o produto ou têm conhecimento sobre o seu uso, ou ainda oferecem uma prescrição antiga para aquisição de um novo medicamento, sem que haja a devida consulta médica para constatar se aquele princípio ativo é adequado para a enfermidade (GONÇALVES JÚNIOR et al., 2018).

Vale salientar que a prática reiterada da automedicação pode ocasionar dependência, o indivíduo pode acabar utilizando o medicamento de forma incorreta e ainda pode causar efeitos colaterais (MACEDO et al., 2016).

No tocante ao transtorno de ansiedade, importante dizer que com a alteração da rotina durante a pandemia da Covid-19, muitas pessoas passaram a desenvolver a doença. Desse modo, a presente pesquisa proporciona destaque acerca de uma questão que é de suma importância para a sociedade e que impacta diretamente na saúde da população.

Cientificamente, este estudo ajudará a entender melhor o transtorno de ansiedade, a influência da internet para a automedicação e o que pode ser feito pelos profissionais farmacêuticos no intuito de informar acerca dos eventuais riscos dessa prática.

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Analisar a influência da internet para a automedicação no tratamento do transtorno de ansiedade.

2.2 ESPECÍFICOS

- Refletir acerca do transtorno de ansiedade.
- Discorrer sobre a prática da automedicação e suas consequências.
- Verificar de que maneira as informações da internet interferem na automedicação no tratamento da ansiedade.

3. METODOLOGIA

Este estudo constitui-se de uma revisão bibliográfica, na qual foram realizadas consultas em artigos científicos, selecionados através de buscas no Google Acadêmico e da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), nas seguintes bases de dados: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), MEDLINE (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online).

De acordo com Marconi e Lakatos (2017), a pesquisa bibliográfica compreende as publicações em revistas, livros, monografias, teses, dentre outros materiais públicos, que têm como objetivo contribuir para que o pesquisador explore determinado tema e desenvolva seu estudo.

Ressalta-se que foram utilizados como descritores da pesquisa: internet; automedicação; transtorno de ansiedade; tratamento.

Determinou-se como critérios de inclusão: texto completo disponível, idioma português, ano de publicação entre 2010 a 2021, tipo de documento artigo. Por sua vez, foram usados como critérios de exclusão: textos incompletos, não referentes ao tema, em língua estrangeira, publicados anteriormente a 2010 e em duplicidade.

4. REVISÃO DE LITERATURA

O estudo localizou um total de 2.950 publicações, dos quais, após verificados os critérios de inclusão e exclusão, bem como realizada a leitura, foram selecionados 25 artigos científicos dos anos de 2011 (01), 2013 (02), 2014 (01), 2016 (05), 2017 (04), 2018 (05), 2019 (02), 2020 (04) e 2021 (01), conforme abaixo:

Beatriz Oliveira Lopes da Rocha, Leandro Henrique Nogueira Alves, Maclyne Steffany Mendonça Araújo, Natalia de Lemos Lucena, Rherysonn Pantoja de Jesus– **A Influência da Internet para a Automedicação no Tratamento do Transtorno de Ansiedade**

Tabela 1. Principais achados da pesquisa bibliográfica

TÍTULO	PERIÓDICO	AUTORES	ANO
Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública?	Revista da Associação Médica Brasileira	MORETTI, Felipe Azevedo; OLIVEIRA, Vanessa Elias de; SILVA, Edina Mariko Koga.	2021
Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira	Revista Brasileira de Enfermagem	GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Sílvia Regina	2020
Processo patológico do transtorno de ansiedade segundo a literatura digital disponível em português: revisão integrativa	Revista Psicologia e Saúde	D'AVILA, Livia Ivo et al.	2020
Tratamento do TAG nas terapias cognitivas de terceira geração	Revista Brasileira de Psicoterapia	ARAÚJO, Anna Thallita de et al.	2020
Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil	Revista Brasileira de Epidemiologia	MOREIRA, Thais de Abreu et al.	2020
A influência da internet no processo de automedicação: uma revisão integrativa	Brazilian Journal of Health Review	SANTOS, Randerson da Conceição dos et al.	2019
Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos	Jornal Brasileiro de Psiquiatria	COSTA, Camilla Oleiro da et al.	2019
Automedicação entre participantes de uma universidade aberta à terceira idade e fatores associados	Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia	SANTOS, Adriana Nancy Medeiros dos; NOGUEIRA, Dulcinéia Rebecca Cappelletti; BORJA-OLIVEIRA, Caroline Ribeiro de	2018
Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência	Einstein (São Paulo)	OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira de et al.	2018
Prevalência dos transtornos de ansiedade como causa de afastamento de trabalhadores	Revista Brasileira de Enfermagem	FERNANDES, Márcia Astrês et al.	2018
Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante	Cadernos de Saúde Pública	MATOS, Januária Fonseca et al.	2018
Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte	Revista de Saúde e Ciências Biológicas	GONÇALVES JÚNIOR, Jucier et al.	2018
Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas, Brasil	Revista Gaúcha de Enfermagem	GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Sílvia Regina.	2017
Características básicas do transtorno de ansiedade generalizada	Medicina (Ribeirão Preto)	ZUARDI, Antonio W.	2017
Eficácia da terapia cognitivo-comportamental no transtorno de ansiedade generalizada	Revista Brasileira de Terapias Cognitivas	REYES, Amanda Neumann; FERMANN, Ilana Luiz	2017
Uso de ansiolíticos: abuso ou necessidade?	Visão Acadêmica	FÁVERO, Viviane Rosset; SATO, Marcelo del Olmo; SANTIAGO, Ronise Martins.	2017
A problemática da automedicação na infância	Enfermagem Brasil	LUCAS, Eduardo Alexander Fonseca et al.	2016
Automedicação: uma síntese das publicações nacionais	Revista Contexto & Saúde	PAIM, Roberta SoldatelliPagno et al.	2016
Internet, geração Y e saúde: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ)	Comunicação & Informação	PEREIRA NETO, André; BARBOSA, Leticia; MUCI, Stephanie.	2016

Beatriz Oliveira Lopes da Rocha, Leandro Henrique Nogueira Alves, Maclyne Steffany Mendonça Araújo, Natalia de Lemos Lucena, Rherysonn Pantoja de Jesus– **A Influência da Internet para a Automedicação no Tratamento do Transtorno de Ansiedade**

O poder do marketing no consumo excessivo de medicamentos no Brasil	Revista Transformar	MACEDO, GianiRambaldi et al.	2016
Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados	Revista de Saúde Pública	ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al.	2016
Palência hepática aguda e automedicação	Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo)	OLIVEIRA, André Vitorio Câmara de; ROCHA, Frederico Theobaldo Ramos; ABREU, Sílvio Romero de Oliveira.	2014
A inclusão da internet na relação médico-paciente: apenas prós?	Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica	SCHMIDT, Eder et al.	2013
Informações médicas na internet afetam a relação médico-paciente?	Revista Bioética	COELHO, Elisa Quaresma; COELHO, Augusto Quaresma; CARDOSO, José Eduardo Dias.	2013
Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde	Ciência & Saúde Coletiva	SILVA, Ilane Magalhães et al.	2011

Além da busca pelas palavras-chave em bases de dados em formato eletrônico, ainda foram necessárias outras literaturas para a elaboração da presente pesquisa.

4.1. CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE

Os transtornos de saúde mental, de acordo com Costa et al. (2019), acometem cerca de 450 milhões de indivíduos no mundo. Desse contingente, quase 10% da população brasileira apresenta transtorno de ansiedade, o que torna o país o recordista mundial de casos.

Para Fernandes et al. (2018), esses dados refletem a dinâmica moderna da sociedade, onde as pessoas estão cada vez mais estressadas e ansiosas devido às diversas situações cotidianas a que estão expostas, o que favorece o surgimento de transtornos mentais e do comportamento.

Apesar de ser um problema de saúde pouco debatido antigamente, em sua pesquisa, D'avila et al. (2020) destacam que o poeta Homero, no século VIII a.C., já descrevia em suas obras sentimentos de medo e perturbações características da ansiedade.

No tocante à ansiedade, Petribú e Melo (2017) expõem que:

(...) pode ser definida como uma sensação inquietante vaga e difusa, desagradável, de apreensão expectante negativa em relação ao futuro, que se acompanha de diversas manifestações físicas (dispneia, taquicardia, tensão muscular, tremores, sudorese, tontura etc.) e, até certo ponto, é um estado afetivo normal e útil.

Videbeck (2012) menciona que a ansiedade pode ter quatro níveis. Na ansiedade leve, o indivíduo fica em alerta e tende a se motivar para mudar alguma situação ou alcançar um determinado objetivo, enquanto na ansiedade moderada, há uma dificuldade maior de concentração devido a agitação e o nervosismo. Por sua vez, na ansiedade severa e no pânico, raciocinar torna-se mais complexo e as respostas tendem a ser mais defensivas e instintivas.

Segundo Rodrigues e Corchs (2020), a ansiedade deixa de ser uma reação necessária e normal do ser humano, tornando-se um transtorno, quando passa a causar mais prejuízos do que benefícios, gerando grande sofrimento ao indivíduo e impactando na sua rotina e qualidade de vida.

Quanto às causas dos transtornos, Araújo, Corchs e Lotufo Neto (2016) apontam que são multifatoriais, podendo ter origem genética, assim como estar relacionadas a eventos estressantes ou traumáticos, problemas de saúde, uso de medicamentos ou outras drogas, entre outros fatores. Em geral, no que se refere ao quadro clínico, as manifestações mais comuns são taquicardia, hiperventilação, midríase, piloereção, sudorese e urgência em defecar ou urinar. Outras queixas usuais são tontura, sensação de desmaio, tremores, parestesias, sensação de sufocamento, dores e contraturas musculares.

Além desses sintomas, Sadock, Sadock e Ruiz (2017) expressam que:

(...) a ansiedade afeta o pensamento, a percepção e o aprendizado. Tende a produzir confusão e distorções da percepção, não apenas do tempo e do espaço, mas também das pessoas e dos significados dos acontecimentos. Essas distorções podem interferir no aprendizado ao diminuir a concentração, reduzir a memória e perturbar a capacidade de fazer relações.

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5, 2015), os transtornos de ansiedade são divididos em três subcategorias diagnósticas: transtornos de ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) e transtornos relacionados e transtornos relacionados com traumas e estressores.

Dentre os transtornos de ansiedade mais frequentes está o transtorno de ansiedade generalizada (TAG), que, na visão de Petribú

e Melo (2017), se caracteriza “por ansiedade excessiva e preocupações sobre diversos eventos ou circunstâncias rotineiras, como responsabilidade no trabalho, finanças, a própria saúde ou a saúde dos membros da família, dentre outros temas”.

Para o diagnóstico de TAG, alguns critérios devem ser observados, como indica o DSM-5 (2015): ansiedade e preocupação excessivas ocorrendo na maioria dos dias durante pelo menos seis meses em diversos eventos ou atividades; dificuldade para controlar preocupações; ansiedade associada a três ou mais dos seguintes sintomas: inquietação, cansaço, dificuldade para concentração, irritabilidade, tensão muscular e perturbações do sono.

Também é necessário que seja verificada a interferência dos critérios na qualidade de vida do paciente, se há ligação com outro transtorno ou condições clínicas, bem como uso de medicamento ou drogas (PETRIBÚ; MELO, 2017).

Zuardi (2017) adverte que, pelo fato dos pacientes raramente procurarem um profissional de saúde mental, o subdiagnóstico do TAG é uma prática habitual. Tal situação é motivo de preocupação, uma vez que, esse transtorno, como enfatiza Reyes e Fermann (2017), é uma doença crônica, associada a comorbidades de alto custo e que impactam negativamente na sociedade.

Ademais, os autores acentuam que a adoção de um estilo de vida mais saudável, com a prática de atividade regular e uma alimentação balanceada, do mesmo modo que deixar de fumar e consumir cafeína podem auxiliar na redução dos sintomas da ansiedade.

Por sua vez, Petribú e Melo (2017) mencionam que o tratamento deve ser feito com fármacos – como os inibidores seletivos da recaptção de serotonina (ISRS), os inibidores da recaptção de serotonina e noradrenalina (IRSN), e os ligantes $\alpha 2\delta$ (pregabalina) – e psicoterapias. Outras opções incluem benzo-diazepínicos (BZD), antidepressivos tricíclicos (ADT), outros antidepressivos (agomelatina, bupropiona, inibidores da monoaminoxidase [IMAO]) e buspirona.

Acerca da terapia farmacológica, Salum Júnior, Dreher e Manfro (2013) expõem que não há consenso quanto ao tempo de uso da medicação após a resposta clínica. Recomenda-se a manutenção do tratamento por aproximadamente 1 a 2 anos após a remissão dos

sintomas e a diminuição gradual da dose do medicamento, a fim de evitar recidivas.

Importante dizer que, de acordo com Videbeck (2012), os fármacos não são capazes de resolver ou eliminar o problema completamente, é imprescindível que o paciente aprenda técnicas de controle da ansiedade para melhora da qualidade de vida, o que pode ser obtido com as sessões de psicoterapia.

No tocante ao prognóstico, para grande parte dos pacientes, o TAG é um transtorno crônico e com repetidas recaídas, o que se deve à exposição a eventos estressores e à presença de sintomas residuais. Por isso, a remissão completa dos sintomas é tão importante para que não haja reincidência da doença (SALUM JÚNIOR; DREHER; MANFRO, 2013).

4.2. A PRÁTICA DA AUTOMEDICAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS

Os medicamentos, segundo Moreira et al. (2020), são fundamentais para saúde e desempenham importante função na expectativa e qualidade de vida populacional. Todavia, sua utilização de forma inadequada caracteriza-se como um problema global e de saúde pública, que pode provocar danos aos indivíduos que os consomem, à sociedade e aos sistemas de saúde.

Nesse sentido, Gama e Secoli (2017) expressam que a prática da automedicação é algo usual pelos mais variados grupos etários e que ocorre em diversas culturas. Quanto à sua definição, Matos et al. (2018) expõem que:

(...) a automedicação é uma prática caracterizada fundamentalmente pela iniciativa de um doente, ou de seu responsável, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita lhe trazer benefícios no tratamento da doença ou alívio de sintomas. Assim, a orientação médica é substituída inadvertidamente por sugestões de medicamentos provenientes de pessoas não autorizadas, entre estas familiares, amigos ou balconistas em farmácias.

Conforme Lucas et al. (2016) e Oliveira et al. (2018), também são consideradas formas de automedicação: a utilização de receitas médicas anteriores para aquisição de novos remédios, desde que não sejam de uso contínuo; o aproveitamento de sobras de prescrições; a

falta de adesão ao plano terapêutico estabelecido; e a alteração da dosagem do medicamento receitado pelo médico.

Em geral, a automedicação ocorre com o consumo de medicamentos denominados over-the-counter (OTC – venda livre), ou seja, que podem ser vendidos sem receita médica, tais como os analgésicos, antitérmicos, anti-inflamatórios, antieméticos, descongestionantes nasais, laxantes e fitoterápicos (OLIVEIRA; ROCHA; ABREU, 2014).

No âmbito nacional, a automedicação, como apontado no estudo de Gama e Secoli (2020), apesar de ocorrer em todas as regiões do Brasil, são mais prevalentes nos Estados de Pernambuco e do Piauí. Ademais, no contexto urbano, sua frequência é maior em áreas mais pobres.

Dentre os fatores que contribuem para a prática da automedicação pode-se citar: a falta de recursos financeiros; a indisponibilidade de tempo; a dificuldade de acesso à serviços de saúde; a demora ou baixa qualidade do atendimento médico, seja no setor privado ou público; a percepção de que possui conhecimento prévio sobre o sintoma ou a doença; a facilidade de aquisição sem a necessidade de orientação profissional (SILVA et al., 2011; ARRAIS et al., 2016; GAMA; SECOLI, 2017).

Além desses, Arrais et al. (2016, p. 2) aludem “a veiculação de propagandas de medicamentos isentos de prescrição na mídia, a presença da farmacinha caseira nos domicílios e a crença de que os medicamentos resolvem tudo”.

Como mencionado, a automedicação está associada a diversas faixas etárias. Na infância, segundo Lucas et al. (2016), frequentemente os pais usam, nos casos de dor e febre, analgésicos e antitérmicos, por indicação de familiares ou conhecidos ou com base em consultas anteriores.

Quanto aos adolescentes, o estudo de Silva et al. (2011) revelou que mais de 70% dos participantes, com idade de 13 a 18 anos, fizeram uso de um ou mais medicamentos analgésicos, antigripais, antitérmicos ou antimicrobianos, nos últimos 2 meses sem prescrição médica.

No que diz respeito à automedicação da população idosa, Oliveira et al. (2018) alertam sobre o risco dessa prática, em razão da

maior possibilidade de interações medicamentosas e reações adversas, podendo ocasionar confusão mental, comprometer as habilidades cognitivas, prejudicar o equilíbrio e a coordenação, aumentar o risco de quedas e fraturas.

Importante salientar que, embora muitos dos fármacos consumidos sem prévia consulta com um profissional de saúde sejam isentos de prescrição, há a possibilidade de intoxicações e efeitos adversos, como as reações alérgicas, os distúrbios gastrointestinais e os efeitos renais (ARRAIS et al., 2016).

Gama e Secoli (2017) também advertem que a automedicação pode acarretar resistência antimicrobiana, causar dependência, bem como mascarar doenças e contribuir para seu agravamento devido o diagnóstico tardio. Em casos mais sérios, Oliveira, Rocha e Abreu (2014) dizem que pode causar lesão hepática e insuficiência hepática aguda, sendo necessário o transplante hepático ou levando à óbito.

No ano de 2017, o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox/Fiocruz) registrou mais de 20 mil casos de intoxicação por uso de medicamentos e 50 mortes, correspondendo a uma letalidade de 0,24%. Desse total, a automedicação foi declarada em 397 dos casos.

4.3. A INTERNET E A AUTOMEDICAÇÃO NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DE ANSIEDADE

Hodiernamente, a internet, como expressam Pereira Neto, Barbosa e Muci (2016), é a principal ferramenta de troca de informações, com isso, a maneira de se comunicar e se relacionar mudou. Assim, o consumo de conteúdo on-line vem crescendo e provocando mudanças em inúmeras áreas, como a saúde.

Em razão da facilidade de acesso, da conveniência e da possibilidade de anonimato, a internet, como afirmam Coelho, Coelho e Cardoso (2013), é utilizada como fonte de pesquisa de assuntos relacionados à saúde. Tal situação mostra-se benéfica para a prevenção de doenças e promoção da saúde, desde que as informações sejam confiáveis e de qualidade.

Para Moretti, Oliveira e Silva (2021), o ciberespaço permite a troca de experiências tanto entre pacientes e especialistas, quanto entre pacientes com problemas similares, o que proporciona maior

conhecimento acerca das doenças, alívio emocional e contribui para a melhora clínica.

Devido ao pouco tempo que possuem para esclarecer suas dúvidas quando buscam auxílio médico e por não se sentirem acolhidos pelos profissionais, os pacientes revelam que se sentem mais seguros e compreendem melhor os cuidados necessários quando acessam sites de saúde (SCHMIDT et al., 2013).

Mas é preciso cautela com a obtenção de informações na web. Nesse sentido, Schmidt et al. (2013, p. 388) expressam que:

Parece que a característica mais assumida como problemática, na busca pelas informações em saúde pela internet, é a restrição quanto à confiabilidade das fontes. O grande volume de informação disponível on-line, se, por um lado, sugere um maior potencial para intervenção sobre a saúde, por outro torna cada vez mais difícil discernir entre o que é ou não adequado ao usuário, aumentando o risco da informação incompleta, imprecisa ou enganosa.

Quanto a essa questão, segundo Coelho, Coelho e Cardoso (2013), muitas páginas da internet com a temática saúde apresentam conteúdo duvidoso e até mesmo enganoso. Por isso, tendo em vista o poder de disseminação das informações na web, é importante se certificar da qualidade dos dados, a fim de evitar possíveis prejuízos.

Apesar de haver sites confiáveis, Schmidt et al. (2013) indicam que existe uma quantidade superior de informações equivocada. Para os autores, a ausência de fiscalização e regulamentação permite a manutenção de páginas administradas por indivíduos sem formação técnica, que, frequentemente, mantêm esse tipo de conteúdo por interesses comerciais.

Pereira Neto, Barbosa e Muci (2016) mencionam que o ambiente virtual pode facilitar a prática da automedicação, já que os sintomas e tratamentos das mais diversas doenças são amplamente disponibilizados, bem como as formas de compra de medicamentos sem prescrição médica são facilmente encontradas.

Santos et al. (2019) ressaltam que os grupos de discussão na internet sobre determinadas doenças favorecem a promoção da automedicação, uma vez que são encontrados dados referentes à indicação de fármacos e sua posologia. Tais dados permitem que

qualquer pessoa dê início a um tratamento sem uma prévia consulta médica e um diagnóstico adequado.

Vale dizer que, em seu estudo, Silva et al. (2011) relatam a influência que os meios de comunicação, dentre eles a internet, exercem nos jovens no momento de escolher e usar um medicamento sem prescrição. Assim, de acordo com Gonçalves Júnior et al. (2018) essa é uma população bastante vulnerável aos meios digitais de comunicação, onde as informações e publicidades estimulam o consumo de medicamentos.

Ainda em relação aos jovens, em sua pesquisa, Rodrigues et al. (2018) verificaram que, especialmente pessoas entre 18 e 27 anos, realizam mais pesquisas sobre medicação e praticam a automedicação em razão de informações obtidas na internet. Os autores também identificaram que as mulheres buscam mais informações no meio digital para resolver seus problemas de saúde.

No tocante aos medicamentos psiquiátricos, dentre eles os indicados para o tratamento do TAG, o Conselho Federal de Farmácia (2020) assinala que, durante a pandemia da Covid-19, houve um crescimento no número de vendas de antidepressivos e estabilizadores de humor. Esse aumento é preocupante, pois há indivíduos que se automedicam, com base no tratamento de familiares, alterando a dosagem e a frequência de administração, o que pode ser bastante perigoso.

No que diz respeito a esse assunto, Gigliotti (2020) assegura que, no Brasil, os ansiolíticos figuram entre os medicamentos mais populares, embora só possam ser comprados mediante receita médica. A autora adverte que o consumo errôneo desses fármacos pode causar dependência e, em caso de abstinência, potencializar a ansiedade ao invés de diminuí-la, causar irritabilidade, insônia, dores no corpo e até convulsões.

Fávero, Sato e Santiago (2017) frisam que o uso sem supervisão médica ou em quantidades e prazos superiores ao recomendado de ansiolíticos, além da dependência química do usuário, pode causar intoxicação, bem como impactos sociais e econômicos, como prejuízos nas relações familiares, dificuldade de aprendizagem e de memória, prejuízo das funções psicomotoras, necessidade de

maiores investimentos em saúde pública em razão da dependência, entre outros problemas.

Destarte, Macedo et al. (2016) enfatizam o papel do profissional farmacêutico no esclarecimento dos riscos da automedicação e da orientação acerca da necessidade seguir a prescrição médica de modo fidedigno para a eficácia do tratamento.

Frente ao exposto, observa-se que há três assuntos que precisam ser analisados ao discorrer sobre o tema da pesquisa: transtorno de ansiedade, automedicação e a influência da internet para a automedicação em casos de transtorno de ansiedade.

Quanto ao transtorno de ansiedade, modernamente, a alta prevalência dos transtornos mentais demonstra a necessidade de entender a respeito do tema e debater meios de enfrentar o problema (FERNANDES et al., 2018; COSTA et al, 2019).

Embora a ansiedade seja uma reação natural do corpo humano, quando ela interfere na rotina do indivíduo e gera sofrimento, ela passa a ser considerada um transtorno, que tem etiologia multifatorial e manifestações clínicas diversas (ARAÚJO; CORCHS; LOTUFO NETO, 2016; SADOCK; SADOCK; RUIZ, 2017; RODRIGUES e CORCHS, 2020).

O TAG é um dos tipos mais frequentes e, quando diagnosticado, deve ser tratado com medicamentos e psicoterapia. No tocante à automedicação, trata-se de uma prática comum no Brasil em todas as faixas etárias, podendo causar prejuízos à saúde (VIDEBECK, 2012; PETRIBÚ; MELO, 2017; MOREIRA et al. 2020).

Apesar de alguns medicamentos não necessitarem de prescrição médica, a utilização indevida de fármacos aumenta os riscos de eventos adversos, que podem comprometer a qualidade de vida do indivíduo (MASTROIANNI e VARALLO, 2013; OLIVEIRA; ROCHA; ABREU, 2014; ARRAIS et al., 2016; GAMA e SECOLI, 2017).

Por fim, relativamente à influência da internet para a automedicação, a troca de informações no ciberespaço cresceu e se tornou essencial nos dias atuais, impactando também na área da saúde (PEREIRA NETO; BARBOSA; MUCI, 2016; MORETTI; OLIVEIRA; SILVA, 2021). No entanto, nem sempre os conteúdos online no campo da saúde são confiáveis, motivo pelo qual é preciso

cuidado (COELHO; COELHO; CARDOSO, 2013; SCHMIDT et al., 2013).

O ambiente virtual contribui para a automedicação, principalmente de jovens, devido à facilidade de encontrar indicação de medicamentos, sua posologia e meios de compra mesmo sem prescrição médica (SILVA et al., 2011; PEREIRA NETO; BARBOSA; MUCI, 2016; GONÇALVES JÚNIOR et al., 2018; SANTOS et al., 2019).

Em relação ao uso de medicamentos para ansiedade, o Conselho Federal de Farmácia (2020) e Gigliotti (2020) destacam que houve, no último ano, um crescimento nas vendas desses medicamentos, o que faz crer que a automedicação também tenha aumentado.

Entretanto, os artigos científicos analisados e os livros não demonstraram, especificamente, a relação existente entre a influência da internet para a automedicação no tratamento da ansiedade, o que evidencia uma carência de pesquisas sobre o assunto. Diante ao exposto, é preciso que sejam criadas estratégias de promoção à saúde, visando a orientação da população, principalmente dos jovens, quanto as consequências da automedicação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A automedicação, como visto, representa um problema de saúde pública, tanto em razão da sua alta incidência como pelos riscos que causa à saúde dos indivíduos que se medicam sem prescrição médica. Ademais, com a popularização da internet, as informações relativas à saúde e aos fármacos disponíveis contribuem para o uso irresponsável dessas substâncias.

Desse modo, cabe aos órgãos nacionais de farmacovigilância fiscalizar o consumo e promover o uso racional de medicamentos, através de campanhas educativas, em diversos veículos de comunicação, enfatizando os riscos, os efeitos colaterais e as interações medicamentosas da automedicação.

Diante de todo o exposto, pode-se dizer que o presente trabalho alcançou o objetivo proposto, fazendo uma abordagem da bibliografia disponível em livros e bases eletrônicas acerca da

influência da internet para a automedicação no tratamento do transtorno de ansiedade.

Como limitação do estudo, destaca-se a ausência de referências que tratem exatamente sobre a temática da pesquisa, o que inviabiliza a generalização dos resultados obtidos. Assim, frente a abrangência e importância do tema, sugere-se novos estudos para maior aprofundamento sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- ARAÚJO, Álvaro Cabral; CORCHS, Felipe; LOTUFO NETO, Francisco. Transtornos ansiosos. In: HUMES, Eduardo de Castro; VIEIRA, Márcio Eduardo Bergamini; FRÁGUAS JÚNIOR, Renério. **Psiquiatria interdisciplinar**. São Paulo: Manole, 2016.
- ARAÚJO, Amanda Luzia de. **Estudos brasileiros sobre automedicação: uma análise da literatura**. Monografia (Graduação em Farmácia). Brasília: UNB, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/bitstream/10483/8734/6/2014_AmandaLuziadeAraujo.pdf>. Acesso em: 8 out. 2021.
- ARAÚJO, Anna Thallita de et al. Tratamento do TAG nas terapias cognitivas de terceira geração. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 22, n. 2, p. 39-54, 2020.
- ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, sup. 2, p. 1-11, 2016.
- COELHO, Elisa Quaresma; COELHO, Augusto Quaresma; CARDOSO, José Eduardo Dias. Informações médicas na internet afetam a relação médico-paciente? **Revista Bioética**, v. 21, n. 1, p. 142-149, 2013.
- CONSELHO FEDERAL DE FARMÁCIA. Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia. **Conselho Federal de Farmácia**, 10 de setembro de 2020. Disponível em: <<https://www.cff.org.br/noticia.php?id=6015&titulo=Venda+de+medicamentos+psiqui%C3%A1tricos+cresce+na+pandemia>>. Acesso em: 8 out. 2021.
- COSTA, Camilla Oleiro da et al. Prevalência de ansiedade e fatores associados em adultos. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 2, p. 92-100, 2019.
- D'AVILA, Livia Ivo et al. Processo patológico do transtorno de ansiedade segundo a literatura digital disponível em português: revisão integrativa. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 2, p. 155-168, 2020.
- FÁVERO, Viviane Rosset; SATO, Marcelo del Olmo; SANTIAGO, Ronise Martins. Uso de ansiolíticos: abuso ou necessidade? **Visão Acadêmica**, v. 18, n. 4, p. 98-106, 2017.
- FERNANDES, Márcia Astrês et al. Prevalência dos transtornos de ansiedade como causa de afastamento de trabalhadores. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, sup. 5, p. 2213-2220, 2018.
- FIOCRUZ. Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. **Casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico e circunstância (Brasil, 2017)**. Disponível em: <<https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas, Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, n. 1, p. 1-7, 2017.
- GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Práticas de automedicação em comunidades ribeirinhas na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 5, p. 1-9, 2020.

Beatriz Oliveira Lopes da Rocha, Leandro Henrique Nogueira Alves, Maclyne Steffany Mendonça Araújo, Natalia de Lemos Lucena, Rheryson Pantoja de Jesus– **A Influência da Internet para a Automedicação no Tratamento do Transtorno de Ansiedade**

- GIGLIOTTI, Analice. O perigo da tarja preta durante a pandemia. **Veja Rio**, 11 de junho de 2020. Disponível em: <<https://vejario.abril.com.br/blog/manual-de-sobrevivencia-no-seculo-21/o-perigo-da-tarja-preta-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- GONÇALVES JÚNIOR, Jucier et al. Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte. **Revista de Saúde e Ciências Biológicas**, v. 6, n. 2, p. 152-155, 2018.
- LUCAS, Eduardo Alexander Fonseca et al. A problemática da automedicação na infância. **Enfermagem Brasil**, v. 15, n. 2, p. 98-108, 2016.
- MACEDO, Giani Rambaldi et al. O poder do marketing no consumo excessivo de medicamentos no Brasil. **Revista Transformar**, v. 9, n. 1, p. 114-125, 2016.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2017.
- MASTROIANNI, Patricia; VARALLO, Fabiana Rossi. **Farmacovigilância para promoção do uso correto de medicamentos**. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- MATOS, Januária Fonseca et al. Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n. 1, p. 76-83, 2018.
- MOREIRA, Thais de Abreu et al. Uso de medicamentos por adultos na atenção primária: inquérito em serviços de saúde de Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. 1-15, 2020.
- MORETTI, Felipe Azevedo; OLIVEIRA, Vanessa Elias de; SILVA, Edina Mariko Koga. Acesso a informações de saúde na internet: uma questão de saúde pública? **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 6, p. 650-658, 2012.
- OLIVEIRA, André Vitorio Câmara de; ROCHA, Frederico Theobaldo Ramos; ABREU, Sílvio Romero de Oliveira. Falência hepática aguda e automedicação. **ABCD Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo)**, v. 27, n. 4, p. 294-297, 2014.
- OLIVEIRA, Samanta Bárbara Vieira de et al. Perfil de medicamentos utilizados por automedicação por idosos atendidos em centro de referência. **Einstein (São Paulo)**, v. 16, n. 4, p. 1-7, 2018.
- PAIM, Roberta Soldatelli Pagno et al. Automedicação: uma síntese das publicações nacionais. **Revista Contexto & Saúde**, v. 16, n. 30, p. 47-54, 2016.
- PEREIRA NETO, André; BARBOSA, Leticia; MUCI, Stephanie. Internet, geração Y e saúde: um estudo nas comunidades de Manguinhos (RJ). **Comunicação & Informação**, v. 19, n. 1, p. 20-36, 2016.
- PETTRIBÚ, Katia; MELO, Sillas Duarte de. Transtornos de ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo e transtornos relacionados com traumas e estressores. In: CANTILINO, Amaury; MONTEIRO, Dennison Carreiro. **Psiquiatria clínica: um guia para médicos e profissionais de saúde mental**. Rio de Janeiro: MedBook, 2017.
- REYES, Amanda Neumann; FERMAN, Ilana Luiz. Eficácia da terapia cognitivo-comportamental no transtorno de ansiedade generalizada. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 13, n. 1, p. 49-54, 2017.
- RODRIGUES, Ana Carla Martins et al. **A internet como fonte de informação em saúde para pacientes de uma unidade de saúde pública de Anápolis, Goiás**. Artigo científico (Graduação em Medicina). Goiás: Centro Universitário de Anápolis, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/849/1/5.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2021.
- RODRIGUES, Camila Luisi; CORCHS, Felipe. Intervenções neuropsicológicas e os transtornos ansiosos. In: SERAFIM, Antonio de Pádua; ROCCA, Cristiana Castanho de Almeida; GONÇALVES, Priscila Dib (Org.). **Intervenções neuropsicológicas em saúde mental**. São Paulo: Manole, 2020.
- SADOCK, Benjamin J.; SADOCK, Virginia A.; RUIZ, Pedro. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- SALUM JÚNIOR, Giovanni Abrahão; DREHER, Carolina Blaya; MANFRO, Gisele Gus. Transtorno de ansiedade generalizada. In: MARI, Jair de Jesus; KIELING, Christian. **Psiquiatria na prática clínica**. São Paulo: Manole, 2013.

Beatriz Oliveira Lopes da Rocha, Leandro Henrique Nogueira Alves, Maclyne Steffany Mendonça Araújo, Natalia de Lemos Lucena, Rheryson Pantoja de Jesus– **A Influência da Internet para a Automedicação no Tratamento do Transtorno de Ansiedade**

SANTOS, Adriana Nancy Medeiros dos; NOGUEIRA, Dulcinéia Rebecca Cappelletti; BORJA-OLIVEIRA, Caroline Ribeiro de. Automedicação entre participantes de uma universidade aberta à terceira idade e fatores associados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 21, n. 4, p. 419-427, 2018.

SANTOS, Randerson da Conceição dos et al. A influência da internet no processo de automedicação: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 5, p. 4310-4323, 2019.

SCHMIDT, Eder et al. A inclusão da internet na relação médico-paciente: apenas prós? **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 11, n. 4, p. 386-390, 2013.

SILVA, Ilane Magalhães et al. Automedicação na adolescência: um desafio para a educação em saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 16, sup. 1, p. 1651-1660, 2011.

VIDEBECK, Sheila L. **Enfermagem em saúde mental e psiquiatria**. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ZUARDI, Antonio W. Características básicas do transtorno de ansiedade generalizada. **Revista Medicina (Ribeirão Preto)**, v. 50, supl.1, p. 51-55, 2017.